

CLASSIFICAR, NOMEAR E COLONIZAR: O COLONIZADOR EUROPEU E O OUTRO NO CONTO DE CLARICE LISPECTOR

CLASSIFYING, NAMING AND COLONIZING: THE EUROPEAN COLONIZER AND THE OTHER IN CLARICE LISPECTOR'S SHORT STORY

Dirchely Samara de Lima Farel¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo interpretar, sob um olhar crítico-literário, a necessidade de nomear, classificar e colonizar do homem branco com base no conto de Clarice Lispector “A menor mulher do mundo”, publicado em 1959. A narrativa apresenta, sob a visão do narrador em terceira pessoa, olhar do colonizador e também da sociedade francesa da época, expondo o gesto de apropriação, comum no processo de colonização e, por meio da personagem Pequena Flor, a construção do colonizado como inferior e alguém observado sob da curiosidade e da redução identitária. A personagem, ao ser descoberta, medida e nomeada por um explorador europeu, deixa de ser sujeito de sua própria história e passa a existir apenas no olhar e na linguagem do outro. O conto evidencia como a imposição de uma linguagem sobre o corpo e a cultura do colonizado funciona como mecanismo de silenciamento e dominação simbólica. Clarice Lispector, com sutileza e ironia, desmonta o discurso aparentemente científico e neutro da exploração, revelando suas implicações éticas e políticas ao escancarar a violência por trás do ato de nomear. Assim, a obra convida o leitor a refletir sobre os modos como a linguagem, o saber e o poder se entrelaçam nos processos de colonização e apagamento do outro. A nomeação, nesse contexto, não se configura como ato de reconhecimento, mas como mecanismo de controle e apagamento da alteridade. O conto evidencia, assim, as estratégias simbólicas de poder que permeiam o discurso colonial, revelando as sutilezas da violência que se inscreve na linguagem e no olhar daquele que observa o outro a partir de um lugar de superioridade.

1

Palavras-chave: Conto. Colonizador. Classificar. Apagamento.

ABSTRACT: This article aims to interpret, from a critical-literary perspective, the white man's need to name, classify, and colonize, based on Clarice Lispector's short story “*The Smallest Woman in the World*”, published in 1959. The narrative, through a third-person narrator, reveals the gaze of the colonizer and of French society at the time, exposing acts of appropriation that are typical of colonial processes. Through the character Little Flower, the story constructs the colonized subject as inferior—someone observed under the lens of curiosity and identity reduction. Upon being discovered, measured, and named by a European explorer, the character ceases to be the subject of her own story and begins to exist only through the gaze and language of the other. The tale highlights how the imposition of language upon the body and culture of the colonized functions as a mechanism of silencing and symbolic domination. With subtlety and irony, Lispector deconstructs the seemingly scientific and neutral discourse of exploration, exposing its ethical and political implications and the violence embedded in the act of naming. The narrative thus invites readers to reflect on how language, knowledge, and power intertwine in the processes of colonization and erasure of the other. In this context, naming is not an act of recognition, but a mechanism of control and suppression of alterity. The story reveals the symbolic strategies of power that permeate colonial discourse and the subtleties of violence inscribed in the language and gaze of those who observe the other from a place of superiority.

Keywords: Short story. Colonial gaze. Naming. Cultural erasure.

¹Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

I INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, consagrada escritora naturalizada brasileira, é uma das filhas da família Lispector, família ucraniana que fugiu das perseguições de seu país, vindo para o Brasil, primeiramente no Nordeste brasileiro, recomeçar a vida. Em 1922, chegaram a Recife, onde Clarice passou toda sua infância e, posteriormente, mudaram-se para o Rio de Janeiro onde Clarice estudou e tornou-se escritora.

A literatura clariceana é marcada por uma escrita introspectiva, filosófica e muitas vezes desconcertante, que rompe com as estruturas narrativas tradicionais ao priorizar a interioridade das personagens e a ambiguidade da linguagem. Em seus contos, Clarice Lispector recusa explicações fáceis ou conclusões fechadas, optando por mergulhar nos abismos da existência humana, nos gestos mais sutis e nas emoções mais contraditórias. Sua prosa é atravessada por uma constante busca de sentido e por um olhar agudo sobre o cotidiano, capaz de revelar o extraordinário no banal. Em “A menor mulher do mundo”, objeto deste estudo, evidencia-se a ironia sutil com que a autora aborda temas como o colonialismo, a classificação do outro e o poder. A linguagem é usada não como um instrumento de esclarecimento, mas como espaço de tensão e desconforto, o que desloca o leitor de uma posição passiva para uma postura reflexiva e, muitas vezes, incômoda. Assim, Clarice constrói uma literatura que interpela, desestabiliza e convida à escuta do que escapa às classificações fáceis — uma literatura do inominável.

2

No conto o qual será analisado, Clarice narra a descoberta de uma mulher pigmeia por um explorador francês, que prontamente a mede, cataloga e lhe dá um nome — Pequena Flor. A partir desse enredo aparentemente simples, a autora expõe uma crítica aguda à lógica colonial que reduz o outro ao que pode ser descrito, domesticado e exposto. A atitude do explorador, assim como a recepção da notícia pelos leitores ocidentais, revela a construção de um olhar colonizador e a tentativa constante de transformar a alteridade em objeto de contemplação, classificação ou piedade. É nesse gesto de nomear que se instaura uma forma sutil, porém potente, de violência simbólica: o apagamento da subjetividade em nome de uma suposta curiosidade científica ou humanitária.

Dessa forma, este artigo propõe uma leitura crítica do conto a partir das relações entre linguagem, poder e alteridade, destacando como o ato de nomear atua como instrumento de dominação. A análise será conduzida com base em reflexões pós-coloniais e discursivas, observando como o texto clariceano tensiona as fronteiras entre sujeito e objeto, humano e não humano, familiar e estranho. Ao dissecar o gesto de nomear, pretende-se revelar não apenas as

estruturas coloniais que ainda permeiam os discursos contemporâneos, mas também a potência da literatura como espaço de denúncia, questionamento e resistência à lógica da redução e da exclusão.

2 O CONTO “A MENOR MULHER DO MUNDO”

No conto “*A menor mulher do mundo*”, Clarice trabalha genialmente e de forma densa a descoberta de um pesquisador francês, que em uma de suas viagens se depara com a menor tribo de pigmeus do mundo, em especial um encontro com uma pigmeia a quem “por necessidade de dar nome às coisas”, nomeou de Pequena Flor, uma mulher de quarenta e cinco centímetros, que estava grávida. Em êxtase com a mais nova “descoberta”, Marcel Pretre, o explorador, busca agora vasculhar e descobrir a vida da pequena pigmeia dentro da realidade vivida por ela e por seu povo, começou a recolher dados sobre a pequena mulher.

Desde o princípio do conto, é possível observar a real necessidade de poder do homem branco diante daquilo que ele considera uma descoberta. A imagem de colonizador, possuidor e a imagem do colonizado, do possuído, fica clara quando observamos a narrativa de Clarice. O estranhamento, o olhar lançado, a curiosidade e, posteriormente, a vontade de apropriação, são elementos que constroem o conto e evidenciam características do processo de colonização comuns.

O nome dado por Petre, inicialmente, parece suave, respeitoso e sensível. Ao encontrá-la, depois de muito a observar, ao classificá-la decide nomeá-la como se necessitasse de dar nome àquilo que era seu, por posse. Além disso, Clarice traz uma característica comum em seus contos, a construção da contradição desconcertante. Pequena Flor é tudo o que o nome não sugere: ela é resistente, vive em condições duríssimas, está grávida, sobrevive aos Bantos, não fala a língua do explorador, e ainda assim ri dele — um gesto enigmático e de força. O riso que “ele não conseguiu classificar” mostra que, mesmo após nomeá-la, Marcel não a compreende, e Clarice devolve ao colonizado uma forma de resistência simbólica.

Há, ainda, elementos de reificação que compartilha com o jogo de alteridade da obra, um diálogo entre ideologia, discurso colonizador e o outro, o diferente. Essa reificação ocorre quando o sujeito é transformado em coisa, em objeto de análise, de espetáculo ou de piedade, esvaziando-se sua individualidade e sua humanidade. No conto, Pequena Flor não é vista como uma pessoa com história, cultura e desejos, mas como um espécime raro a ser observado, medido e nomeado. O discurso colonizador, sustentado por uma ideologia de superioridade branca e europeia, atribui-lhe um valor apenas na medida em que ela pode ser classificada e enquadrada

dentro das categorias do saber ocidental. Assim, o olhar do colonizador não reconhece o outro em sua alteridade, mas o reduz a um reflexo das próprias estruturas de poder e conhecimento. Nesse contexto, a linguagem funciona como instrumento de dominação, e o ato de nomear — ao invés de constituir um vínculo — consagra a desigualdade e a objetificação do diferente.

Como aponta Lukács (2012), a reificação é um processo pelo qual as relações humanas se tornam “coisas”, distantes e desumanizadas, fazendo com que os indivíduos passem a ser percebidos apenas por sua utilidade ou valor objetivo — exatamente o que ocorre com a personagem clariceana. É possível perceber isso ao se observar de que modo o narrador se refere à personagem, empregando termos como “exemplares” e “coisa”.

A visão do explorador sobre a pequena pigmeia demonstra o empoderamento, o valor que excedia o material e de qualquer ensinamento, Pequena Flor era algo que mais parecia sobrenatural e que despertaria a curiosidade e espanto em todos aqueles que a vissem. Sob a visão clariceana, Pequena Flor é uma personagem que se enquadra ao que é estranho, grotesco, algo de repulsa, que confunde, que causa náuseas. A personagem representa o outro, o diferente, o inferior diante do europeu e todo o conto se constrói tendo em vista a posição inferior da pigmeia relacionada ao explorador francês. A representação do outro e o valor dessa representação é importante no que diz respeito à visão do europeu sob os pigmeus africanos:

4

A racinha de gente sempre a recuar e recuar, terminou aquarteirando-se no coração da África, onde o explorador afortunado a descobriria. (...) Os Likoualas usam poucos nomes, chamam as coisas por gestos e sons aninais. Como avanço espiritual, têm um tambor. (p. 69)

Tais trechos mostram a desumanização de Pequena Flor e seu povo e também a zoomorfização, onde são representados como animais, sendo profundamente rebaixados. Para Pequena Flor, a visão do explorador também a incomodava, mas talvez de uma forma diferente do cientista:

Mas, neste momento de tranquilidade, entre as espessas folhas do Congo Central, ela não estava aplicando esse impulso em ação. E então ela estava rindo. Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar.”(p. 74)

Diante desse acontecimento, observamos o encontro do identificar-se de Marcel Pretre e da Pequena Flor. Diante de sua pequenez e insignificância, a pigmeia ria, como não podia colocar em palavras o que sentia, ela então sorria e deixava o francês desconcertado, sem saber como agir, nem ao menos conseguiu classificar, tendo que era esta posição que ele assumia diante da africana, de classificador.

A linguagem empregada para descrever Pequena Flor — “coisa humana menor que existe”, “parecia um cachorro” — é mais do que descritiva: é profundamente ideológica. Reduzir o outro a uma condição sub-humana é uma tática recorrente dos discursos coloniais. Como afirma Frantz Fanon (2008), o colonizado é constantemente alienado de sua humanidade, sendo construído como um ser exótico, perigoso ou inferior, cuja imagem serve à reafirmação da superioridade do colonizador. No conto, Clarice Lispector ironiza esse processo, ao mostrar como até mesmo o riso ou a gravidez de Pequena Flor não despertam empatia, mas espanto, repulsa ou escárnio. Assim, sua condição de mulher e de negra é atravessada por múltiplas camadas de subjugação simbólica.

É possível perceber a consolidação do gênero dominador, de raça, a construção do discurso de poder de um e inferiorização do outro. A alteridade levantada, os pontos que se convergem. Clarice cria a um espaço capaz de promover um diálogo entre esses dois pontos distantes sob um olhar social e cultural. Através desse diálogo podemos perceber de que forma o homem branco influencia a cultura do povo colonizado e de como esse colonizado reage até os dias de hoje, era moderna, frente ao colonizador.

Tudo aquilo que é ligado ao outro, ao colonizado, ao subalterno, ao diferente é também inferior, bem como a religião, as relações pessoais, a alimentação, moradia etc. Nada poderá ser melhor, igual ou importante para o colonizado se comparado à cultura branca: “(..)viviam em cima de uma árvore com seu pequeno concubino.” (p. 68)

Aqui, a escolha lexical: concubino remete mais uma vez ao rebaixamento do povo de Pequena Flor, que longe da cultura do ocidente, uniu-se ao seu companheiro de forma pecaminosa ou ainda, comparando com a união legítima de uma sociedade culturalmente assistida. Mais uma vez notamos a valorização da cultura do colonizador sobrepondo-se à cultura do colonizado, evidenciando outra vez que Likoualas são inferiores a Marcel Pretre e sua cultura ocidental.

Narrado em terceira pessoa, o conto traz, visto como um processo de poder, de exploração, de engrandecimento, a figura do colonizado frente ao colonizador: Foi, pois, assim que o explorador descobriu toda em pé, e a seus pés, a coisa humana menor que existe. (p. 70)

A construção “a seus pés” carrega forte carga simbólica e ideológica, pois não apenas posiciona fisicamente a mulher pigmeia em relação ao explorador, mas também traduz uma hierarquia de poder, saber e humanidade. Ao dizer que ela está “em pé”, mas ainda assim “a

seus pés”, a narrativa evidencia o paradoxo da existência dessa mulher: mesmo em sua postura ereta, ela continua submetida à perspectiva do colonizador.

É possível perceber a proximidade forçada e a posse simbólica, enquanto a expressão “a seus pés” remete a uma relação de dominação, típica das representações coloniais que colocam o outro como inferior, submisso ou exótico. Além disso, o uso da expressão “a coisa humana menor que existe” contribui para a desumanização da personagem: ela é reduzida a “coisa”, embora “humana”, em um jogo ambíguo que nega sua subjetividade ao mesmo tempo que a enquadra como um objeto raro, digno de estudo e exibição. Clarice, com esse trecho, ironiza o gesto do descobridor e coloca o leitor diante de uma cena que, à primeira vista, parece científica ou descritiva, mas que carrega um julgamento ético implícito sobre o olhar colonizador e a linguagem que o sustenta.

Outro fator importante é o fato da língua dos Likoualas também ser considerada muito limitada. É sabido que a língua de um povo é ferramenta importantíssima para a disseminação de uma cultura e que através dela uma determinada sociedade é capaz de armazenar informações e conhecimentos que resultarão em uma cultura, em um conjunto de indicadores para uma formação social, esse acúmulo de conhecimentos se dá através da interação principalmente linguística. Sendo restritos desse saber que os levariam a uma potencialização maior do uso da língua, os Likoualas são mais uma vez inferiorizados, tornando-os sob uma visão do colonizador, incapazes de desenvolver uma sociedade, apenas um aglomerado de gente, uma “racinha” qualquer. Foucault ressalta que, a linguagem é um meio através do qual somos engendrados no poder e dele passamos a fazer parte mesmo inconscientemente. Se ausentes de linguagem, como Pequena Flor, também ausentes de poder, sobre a interação e sobre outras culturas. “Os Likoualas usam poucos nomes, chamam as coisas por gestos e sons animais.” (p. 69)

6

Diante disso observamos que o discurso construído favorece a elite dominante, dando a eles ainda maior poder sobre aqueles que não pertencem à realidade cultural do branco, nem faz parte do seu círculo existencial, porém são importantes para que o branco se sinta superior, para que o branco possa dominar, mostrar que sua cultura, a sociedade de qual faz parte, foi feita para estar além, classificando o outro como inferior a ele. “Nariz chato, cara preta, olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro.” (p. 70)

Lançando olhar sobre o conto, observamos a necessidade de possuir que nós humanos desenvolvemos com o tempo. Ainda pensando em possuidor e possuído, percebemos a real necessidade de fazer-se dominante, das relações de poder advindas no contexto colonial. Sobre

isso, refletimos a real necessidade do ser que talvez tenha pensado Clarice Lispector: seremos nós mesmo dominantes daqueles que consideramos mais fracos? Queremos ter em mãos algo para chamar de nosso, mesmo sendo esse “algo” alguém? De onde vem essa necessidade?

Existem inúmeras possibilidades de se ter algo, mas é provável que dominar seja uma satisfação única, como um ponto “x”, se relacionarmos o contexto colonial de dominar, ao contexto moderno de querer possuir. “Pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir. O explorador pestanejou várias vezes”. (p. 75)

Também é necessário dar vez à necessidade de possuir também de Pequena Flor, em determinado momento do conto, a mulher anã diz que “era muito bom ter uma árvore para morar, sua, sua mesmo”. Clarice traz com total evidência a diferença entre as esferas de posses que encontramos em lugares diversos, o que é importante para um, não necessariamente é importante para o outro. Resvalando com o discurso pós moderno de “ter”, “consumir”, “possuir” e “autoridade”, percebemos que ter algo para chamar de seu é necessidade comum a todos, que a diferenciação se dá no que queremos “ter” e “possuir”, neste momento os pontos se convergem para pontos distintos, mostrando-nos o que é realmente importante no contexto do ter e o que é desnecessário e apenas egoísmo e no contexto do consumismo exacerbado. Para o explorador, ter Pequena Flor “*toda em pé e a seus pés*” era de poder massageador para seu ego, enquanto para Pequena Flor, ter uma árvore para morar a qual poderia chamar de sua, era basicamente livrar-se dos ataques dos Bantos porque “*Não ser devorado era o sentimento mais perfeito. Não ser devorado é objetivo secreto de toda uma vida*”.

Essa oposição entre a posse como sobrevivência e a posse como dominação nos conduz à reflexão filosófica de Arthur Schopenhauer sobre o desejo e o tédio da realização. Para o filósofo, o homem é movido por uma vontade constante de querer — mas, ao alcançar o que deseja, não encontra plenitude, e sim tédio, vazio, decepção. Isso se manifesta claramente no momento em que o explorador repete três vezes: “É bom possuir, é bom possuir, é bom possuir”, seguido de um gesto de hesitação — “o explorador pestanejou várias vezes” —, sinal de que o prazer da conquista se esgota rapidamente. O objeto desejado, uma vez apropriado, perde seu mistério, sua vitalidade, sua utilidade emocional. Clarice Lispector, com sua habitual sutileza, constrói esse instante como um breve colapso do discurso colonizador, um vislumbre do absurdo que há na tentativa de reduzir o outro a coisa possuída. Enquanto isso, Pequena Flor expressa um desejo de posse essencial, vital: ter uma árvore como abrigo contra a morte. Em contraste com o tédio burguês do explorador, o “ter” da personagem pigmeia é concreto,

existencial e profundamente humano — e é justamente esse contraste que expõe o esvaziamento do desejo colonial e a profundidade da dignidade silenciosa do outro.

Por fim, o ato de colonizar se concretiza não apenas pela presença física do explorador, mas pela apropriação simbólica que ele exerce. Clarice Lispector constrói, com sutileza e ironia, uma crítica feroz ao olhar colonizador que, ao tentar conhecer, consome; ao tentar nomear, desfigura; e ao tentar classificar, apaga a complexidade do outro. A menor mulher do mundo não é apenas pequena em estatura — ela é minimizada pela linguagem que deveria, supostamente, revelá-la.

5. A PEQUENA FLOR E O OLHAR DA SOCIEDADE

A imagem de Pequena Flor torna-se, de certa forma, perturbadora se a observarmos sob o ponto de vista do narrador. Medindo quarenta e cinco centímetros, parecida com um cachorro, com um macaco, pés espalmados e cara preta, não dá para construir uma imagem afetuosa sobre a pequenina mulher e é essa a intenção da voz do narrador. Clarice, intencionalmente, constrói cada detalhe da personagem, cada traço foi pensado minuciosamente, levando em consideração o gosto da escritora por causar espanto com o novo e usar desse artifício para conflitar seus leitores. Conflito esse comum a todo o momento em suas obras, e em “A Menor mulher do mundo” é pensado de forma que fiquem evidentes as distorções feitas em sociedade por aquilo que não é habitual a ela. Não estamos livres, enquanto cidadãos modernos, de nos depararmos com situações que nos façam olhar de forma preconceituosa e limitadora, porém ao ler o conto, repreendemos qualquer possibilidade de sermos assim, nos resguardando de toda ação maldosa que posso carregar tais atitudes.

8

Primeiramente, observamos a mulher como sofredora dos efeitos de colonização; posteriormente, olhamos para essa mulher dentro de um sistema patriarcal, que instantaneamente a leva para uma segunda inferiorização. Assim, a mulher era inferiorizada duas vezes, dando ao homem a legalidade em assumir a superioridade social. Clarice traz nesse conto um olhar sob a mulher submissa desde a era da colonização até a pós modernidade dos dias atuais.

Não podemos negar também, que esse olhar do narrador coopera bastante para formarmos a imagem de Pequena Flor. A publicação da fotografia de Pequena Flor no jornal provoca uma série de reações que revelam não apenas o estranhamento diante da diferença, mas também o modo como a sociedade lida com o outro a partir de seus próprios filtros morais, afetivos e ideológicos.

A fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro.” (Lispector, 1959, p. 72)

Um dos momentos mais significativos do conto ocorre quando uma leitora sente uma súbita angústia diante da imagem. Uma senhora, ao ver a fotografia da menor mulher do mundo, sentiu uma “aflição súbita”. Essa aflição, que surge sem explicação lógica, é o ponto de ruptura entre o conforto burguês e o confronto com o abjeto. A imagem da mulher pigmeia não desperta empatia, mas sim mal-estar — não por ela ser uma vítima da colonização, mas por escapar às categorias estéticas e morais convencionais. Clarice, com essa cena, desmonta a neutralidade do olhar leitor e denuncia como até mesmo a sensibilidade é condicionada por normas culturais que determinam o que é digno de afeto e o que é visto como monstruoso.

Outros leitores da reportagem reagem com escárnio ou desdém, transformando Pequena Flor em objeto de riso ou instrumento de diversão.

Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? Quando ele acordasse, que susto, hein! Que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! A gente fazia ela o brinquedo da gente, hein! (Lispector, 1959, p. 72)

A fala da criança, aparentemente inocente, reproduz de forma brutal a lógica colonial e racista herdada culturalmente: transformar o outro, sobretudo aquele que é fisicamente e culturalmente diferente, em objeto de uso, de medo ou de diversão. A expressão “a gente fazia ela o brinquedo da gente” é especialmente significativa, pois explicita a total negação da alteridade: Pequena Flor não é reconhecida como pessoa, mas como algo manipulável, possuído, apropriado. O uso do diminutivo “mulherzinha africana” reforça essa infantilização e exotização que frequentemente recai sobre corpos racializados, sobretudo femininos, na história da colonização. Clarice Lispector evidencia, com ironia amarga, como a violência simbólica atravessa o cotidiano, manifestando-se até mesmo nos gestos das crianças, que internalizam discursos de poder e dominação. A cena, construída com leveza superficial, é profundamente inquietante, pois coloca o leitor diante da banalidade do mal: o outro é reduzido a um corpo estranho que diverte, assusta ou entretém — mas nunca é visto como sujeito.

Essa recepção social da figura de Pequena Flor evidencia como o olhar coletivo é moldado por estruturas coloniais, racistas e patriarcais, nas quais o diferente é enquadrado como estranho, inferior ou risível. Clarice Lispector constrói essas cenas com fina ironia, expondo as

camadas de violência simbólica que atravessam os gestos cotidianos e aparentemente inocentes. A personagem não é atacada fisicamente, mas é constantemente violada em sua imagem, em sua existência representada. O jornal, símbolo da difusão do saber e da informação, torna-se aqui instrumento de perpetuação do olhar colonizador, ao oferecer a imagem da mulher pigmeia sem qualquer mediação crítica ou ética. Clarice desmonta esse gesto ao expor os efeitos dele, revelando que a violência nem sempre vem sob a forma do grito ou da arma — às vezes, ela se inscreve no riso, no susto e no silêncio cúmplice de quem apenas observa.

Dessa forma, ao explorar o impacto da imagem de Pequena Flor na sociedade que a consome por meio da imprensa, Clarice Lispector expõe não apenas o olhar colonizador e patriarcal, mas também a fragilidade ética de uma coletividade que se reconhece civilizada, embora reaja com medo, escárnio ou repulsa ao que lhe escapa. A ironia fina do conto não se limita à figura do explorador, mas se estende ao leitor real, que inevitavelmente se vê implicado no olhar que reduz, no julgamento que inferioriza, no gesto que transforma uma mulher em espetáculo. Clarice desestabiliza as certezas morais do público ao retratar a crueldade silenciosa de uma sociedade que não sabe lidar com a diferença a não ser por meio da negação. Pequena Flor, assim, não é apenas um corpo pequeno – é a representação simbólica de tudo aquilo que a cultura dominante tenta minimizar, apagar ou transformar em objeto Said (2007). A autora, ao criar esse confronto entre o íntimo e o estranho, obriga o leitor a rever suas próprias categorias de normalidade, humanidade e alteridade, cumprindo com maestria seu projeto literário de gerar conflito, inquietação e, sobretudo, reflexão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo lançar um olhar sobre o conto “A menor mulher do mundo”, da escritora Clarice Lispector, e construiu uma análise da narrativa em relação à necessidade de nomeação do personagem Marcel Petre, representando o colonizador, sob a personagem Pequena Flor, representando o colonizado. Além da necessidade de nomeação, considerou-se, ainda, a classificação da personagem e sua colonização. A personagem Pequena Flor, descoberta, nomeada e exposta ao olhar da sociedade ocidental, torna-se um símbolo das múltiplas formas de subjugação do outro: a nomeação que apaga, a classificação que reduz, a observação que transforma o sujeito em objeto. A escritora, com sua prosa desconcertante, nos convida a refletir sobre como o discurso científico, jornalístico e mesmo o olhar cotidiano participam da produção de violências silenciosas, muitas vezes travestidas de curiosidade ou neutralidade.

A recepção social da figura de Pequena Flor, marcada pela aflição, pela zombaria e pela desumanização, também ponto analisado neste artigo, evidencia a permanência de um imaginário colonizador que persiste mesmo em tempos ditos pós-coloniais. Clarice nos confronta com a naturalização dessas práticas — inclusive no universo infantil — e evidencia como o preconceito, o exotismo e a negação da alteridade são transmitidos culturalmente e reproduzidos nos gestos mais banais. A mulher pigmeia, menor do que o mundo espera ou suporta, é também um espelho das exclusões que estruturam a sociedade moderna, especialmente no que tange às relações de gênero, raça e poder.

Dessa forma, a leitura do conto revela-se fundamental não apenas como exercício literário, mas como provocação ética e política. Clarice Lispector não oferece respostas prontas nem conforto ao leitor; ao contrário, ela provoca fissuras, desloca certezas e abre espaço para a crítica. “A menor mulher do mundo” é, antes de tudo, um convite à escuta do que é pequeno demais para ser ouvido, mas que grita por reconhecimento e humanidade. Em tempos de discursos excludentes e de reforço das desigualdades, obras como essa reafirmam a literatura como espaço de resistência, desconstrução e reconfiguração do olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2012.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.